

A Cidade

23/1/1986

DETIDOS ONTEM 45 GREVISTAS DE GUARIBA

GUARIBA (SP) — A invasão de duas fazendas por 150 grevistas, a prisão de 45 trabalhadores — entre eles, oito menores — e o fracasso dos piquetes da madrugada marcaram, ontem, o terceiro dia da greve parcial dos bóias-frias de Guariba. O índice de paralisação foi considerado nulo pelos usineiros e o próprio Sindicato dos Trabalhadores Rurais não soube avaliar o número de grevistas (na cidade, há cinco mil bóias-frias). Uma mesa redonda será realizada hoje às 9h30min na Delegacia Regional do Trabalho com a presença da FETAESP, COPERSUCAR, Sindicato das Indústrias do Alcool e FAESP-Federação da Agricultura do Estado de São Paulo.

As invasões ocorreram nas fazendas São José do Furtado e São Bento, pertencente a Usina São Martinho. 150 grevistas coagiram motoristas de cinco caminhões a transportá-los e chegaram a impedir que as frentes de trabalho prosseguissem com a carpina da cana. Os piquetes iniciados às 9 horas foram interrompidos às 14 horas quando três viaturas da Polícia Militar, comandadas pelo tenente Claudemar Andreoli da 3ª Companhia do 13º Batalhão PM do Interior, conseguiram encontrá-los.

Sem usar violência, os policiais separaram os trabalhadores que estavam no campo dos piqueteiros e levaram os grevistas para a delegacia de Guariba. Foram apreendidos além de cabos de enxada, um facão e um revólver calibre 22 deixado sobre o banco de um dos caminhões. Os detidos poderão ser enquadrados no artigo 197 do Código Penal sobre crimes contra a organização do trabalho, prevendo pena de um mês a um ano de detenção. Segundo o delegado assistente da Seccional de Araraquara, Francisco Lacorte Filho, é possível que eles sejam também processados por coação. Os menores detidos foram encaminhados ao juizado.

À tarde, as tentativas de invasão e de piquetes na roca se estenderam as terras da Usina São Carlos, já próxima a Jaboticabal. Os piquetes foram decididos em uma reunião em frente ao sindicato às 9 horas depois dos grevistas não terem conseguido impedir a ida ao campo dos demais trabalhadores. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, José de Fátima Soares, não soube avaliar o grau de paralisação. Ele apenas estimou que na Usina São Martinho, a principal da região, cerca de 800 dos 1 mil 800 trabalhadores tenham aderido ao movimento paredista.

Fátima — que não participou de nenhum piquete no campo e de madrugada não conseguiu convencer os trabalhadores a descerem dos caminhões — acusou a CUT, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura e os políticos de terem abandonado os bóias-frias de Guariba. "Precisamos de gente de outros sindicatos, da FETAESP, da CUT, dos políticos para levar a liderança de Guariba para as outras cidades", disse. Mas, segundo o secretário da CUT estadual, Osvaldo Bargas, a greve de Guariba é de inteira responsabilidade do sindicato local. "A CUT não foi convocada para discutir a preparação do movimento nem a conveniência de sua deflagração", disse Bargas ao lembrar que "a CUT, enquanto entidade sindical, apoia todo e qualquer movimento dos trabalhadores na luta por suas justas reivindicações".

Os piqueteiros que saíram ontem do Sindicato de Guariba mostraram que a greve dos trabalhadores rurais ressentia-se da falta de lideranças e caminha a deriva. A única proposta dos trabalhadores era de encontrar aqueles que estavam nas roças. Para isso, andaram mais de 40 quilômetros embrenhando-se nos brejos, saltando riachos, esmagando as plantações de feijão e armando-se no caminho com cabos de enxada e pedaços de cana. Um dos caminhões parados pelos invasores (eles conseguiram tomar conta de três veículos) foi autorizado a seguir para a cidade transportando as mulheres, que mais resistiram em aderir ao movimento.

"Quero ver se eles são machos para dar comida a mim e aos meus quatro filhos", reclamou Elza Alves de Araújo, da Fazenda São José do Furtado e integrante da primeira turma de 40 pessoas a ser paralisada.

A Central Única dos Trabalhadores e a FETAESP, os políticos e, principalmente o PT, resolveram não apoiar a greve por considerar que esse é um "movimento persona liste", ou seja, deflagrada pelo presidente do sindicato de Guariba, José de Fátima — uma liderança considerada despreparada e que sistematicamente tem se negado a receber assessoria da CUT e do PT. Ele reconhece, em pequenos grupos, o fracasso da greve, mas nas assembléias tem se recusado a tomar qualquer posição neste sentido. "A decisão é do trabalhador. Eu apenas faço o que eles mandam", diz.

(Primeira página)